



Mística e profecia na espiritualidade cristã. O testemunho de Santa Teresa de Jesus

Mystique and prophecy in the Christian spirituality. Saint Teresa of Jesus' testimony

Lúcia Pedrosa-Pádua*

Resumo

Este artigo trata da inter-relação entre mística e profecia na espiritualidade cristã. Pretende enfrentar dualismos, observados no passado e também no presente do cristianismo, entre esses termos. Apresenta o testemunho de Santa Teresa de Ávila como caminho de superação da dicotomia entre mística e profecia através de uma integração processual. O fundamento da necessária relação entre os termos em questão é a própria existência de Jesus de Nazaré, que pode ser considerada profético-mística. Isso significa que há uma inter-relação entre oração e ação, contemplação e missão. No entanto, o sujeito moderno e pós-moderno apresenta dificuldades nessa integração, como o deixar-se transformar pela oração, superando a tendência ao controle e à eficácia. Santa Teresa de Jesus, nesse contexto, é testemunho de mística e profecia, mediadas por um discernimento que passa por percepções cotidianas. O livro *Fundações* contribui para ilustrar esse discernimento.

Palavras-chave: Mística. Profecia. Discernimento. Santa Teresa de Jesus.

Abstract

This paper deals with the interrelation between mystique and prophecy in the Christian spirituality. It intends to face dualisms, observed in the past and also in the current Christianity, between these terms. It presents Saint Teresa of Avila's testimony as a way for overcoming the dichotomy between mystique and prophecy by means of a procedural integration. The foundation for the needed relation between the terms concerned is the existence of Jesus of Nazareth itself, which may be regarded as prophetic-mystic. It means that there's an interrelation between prayer and action, contemplation and mission. However, the modern and postmodern subject has difficulties in this integration, such as letting himself be transformed by prayer, overcoming the tendency to control and effectiveness. Saint Teresa of Jesus, in this context, is a testimony to mystique and prophecy, mediated by a discretion which goes through daily perceptions. The book *Foundations* contributes to illustrate this discretion.

Keywords: Mystique. Prophecy. Discretion. Saint Teresa of Jesus.

Artigo recebido em 3 de setembro de 2012 e aprovado em 26 setembro de 2012.

*Doutora (2001) em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Pós-Doutorado (2002) pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Professora Assistente I na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. País de origem: Brasil. E-mail: lpedrosa@puc-rio.br.

Introdução

Uma das grandes características da espiritualidade teresiana é a ousadia. Santa Teresa mesma a reconhecerá, não apenas como característica pessoal, mas como ação de Deus nela. No início do livro *Fundações*, capítulo 2, parágrafo 7, ela manifestará esse dom em saborosa expressão: “Oh, grandeza de Deus! Como manifestais o Vosso poder dando ousadia a uma formiga!” (TERESA, 1995a, p. 603)¹.

Toda a vida de Teresa de Ávila expressa essa ousadia. Sabemos como ela chegou aos limites das possibilidades de uma mulher do século XVI, em muitos aspectos (PEDROSA-PÁDUA; CAMPOS, 2011)². Foi menina leitora em um contexto de mulheres analfabetas; escritora por vocação e obediência. Mestre, teve consciência de exercer um magistério sobre a oração e sobre os caminhos de Deus no humano. Em um mundo que “ardia em fogo”, Teresa de Jesus (1995b, p. 303) teve uma palavra a dar à Igreja, com sua proposta de reforma e fundação da Ordem do Carmelo Descalço. Crítica do sistema de honra, advogou por comunidades fraternas; recusando o machismo encontrado na Igreja, foi arauto da dignidade e capacidade das mulheres, ao mesmo tempo que foi uma voz de denúncia contra os varões que as qualificavam e faziam delas juízes (TERESA, 1994, cap. 4, § 1). Sim, Teresa foi ousada, dessa ousadia profética que não pode se calar. Ousadia operante, ativa, que não se faz esperar.

Qual a fonte dessa ousadia? Para Teresa, é o próprio Deus em seu amor desconcertante e gratuito por nós. Mulher de oração, mestre na arte de discernir, afirma que é impossível realizar grandes coisas se a pessoa não entende que é amada com gratuidade (TERESA, 1995c, cap. 10, § 6). Pela experiência mística, Teresa foi levada aos abismos de si mesma e banhada nas fontes mais profundas de seu ser. Encontrou-se com Deus no ato de aventurar-se a amar e deixar-se amar.

¹ As citações deste artigo seguirão a tradução brasileira dos livros de Santa Teresa.

² Especialmente o capítulo “Vida e significado de Santa Teresa de Jesus”.

Nessa experiência, Teresa é purificada, transformada em suas relações com todos, consigo mesma e com o próprio Deus.

Surpreendente é perceber a impossibilidade de separar a Teresa contemplativa e mística da Teresa em ação. Oração e missão se exigem e se fecundam. E essa missão é audaz, profética. No livro *Moradas*, ela vai expressar a íntima relação entre a oração e a ação: Marta e Maria devem andar sempre juntas (TERESA, 1995d, Morada 7, cap. 4, § 12)³. A espiritualidade teresiana é sempre místico-profética. Como foi a de seu mestre, Jesus.

Este artigo desenvolve esse caráter místico-profético da espiritualidade cristã e propõe Teresa de Ávila como testemunho que ilumina essa realidade. Situa-se, pois, no universo da teologia cristã, e nela desenvolve um aspecto da mística relacional.

O artigo inicia apresentando a inter-relação entre mística e profecia na espiritualidade de Jesus. Em seguida, traça algumas dificuldades para essa integração enfrentadas por nossos contemporâneos, ao mesmo tempo que observa a urgência dessa tentativa. Passa, então, a apresentar a espiritualidade de Santa Teresa de Jesus, a mística de Ávila (Espanha), que viveu no século XVI, a primeira mulher declarada Doutora da Igreja. É ressaltada a oração como amizade e observado o processo de integração entre oração e ação na experiência teresiana, não isento de conflitos. Por último, apresenta uma análise do livro *Fundações* na perspectiva do tema do *discernimento*, mediação fundamental para que se dê a relação entre oração e missão esperada e audaz.

Iniciemos com a espiritualidade de Jesus de Nazaré.

³ Em referência ao texto bíblico de Lc 10,38-42.

1 A relação entre mística e profecia faz parte da própria espiritualidade de Jesus

Sabemos que Jesus foi reconhecido como *profeta* e assim via a si próprio. Um dia, ele mesmo disse que “nenhum profeta é bem acolhido em sua própria pátria” (Lc 4,24). Como profeta, falou claramente, criticando seu próprio país, sociedade e instituições religiosas. Jesus soube ler os sinais dos tempos e, ao contrário dos líderes religiosos, soube perceber a situação dos trabalhadores do campo e das cidades, assim como o sofrimento dos pobres, que empobreciam ainda mais a cada dia. E nisso não foi ingênuo, tinha consciência da tensão e conflito que provocava. Mas esse conflito é vivido como bem-aventurança: “felizes sereis quando vos odiarem e rejeitarem” (Lc 6,22-23). Tem também consciência do destino incompreendido e violento dos profetas (Mt 23,29-35) (NOLAN, 2009).

Tudo isso nos mostra Jesus como um homem em constante e audaz missão, a serviço das pessoas; seus seguidores aprendem a, como seu Mestre, falar e agir com ousadia.

Mas o Jesus *místico* é tão forte quanto o Jesus profeta. Sua atividade e missão são sustentadas por uma vida de constante oração e de profunda contemplação. Sua experiência daquele que ele chamava de Pai pressupõe a oração. Jesus rezava porque necessitava, de fato, da luz, da força e do discernimento que vem de Deus (AZEVEDO, 1988; ESPEJA, 1995; GARCIA RUBIO, 2010; NOLAN, 2009; PAGOLA, 2010).

Os discípulos guardam de Jesus a imagem de vê-lo frequentemente em oração. O evangelista Lucas, em especial, enfatiza a oração de Jesus. Às vezes, ele se afasta para rezar (Mt 26,36; Lc 22,41.11,1). Há bastante suporte bíblico indicando que Jesus aproveitava todas as oportunidades possíveis para retirar-se e entregar-se à oração e à reflexão (Mc 1,35.6,46; Lc 4,42.5,16; Mt 14,23). E o fazia com regularidade, pois Lucas observa que ele “permanecia retirado em lugares desertos e orava” (Lc 5,16). Além disso, Jesus recomendou a oração na intimidade do quarto, não como os hipócritas, que gostam de ser vistos pelos outros (cf. Mt

6,5-6). Assim, podemos estar certos de que Jesus passava muito tempo rezando em lugar oculto.

A oração de Jesus é vivida em relação com os acontecimentos mais significativos de sua vida. Os evangelhos nos mostram Jesus orando depois de seu batismo (Lc 3,21); no início de sua missão (Lc 4,1); em dias de intensa atividade (Mc 1,35; Lc 5,16; Mt 14,23); antecedendo vários momentos significativos, como a eleição dos apóstolos (Lc 6,12); a profissão de Pedro (Lc 9,18); a oração do Pai-Nosso (Lc 11,1); a ressurreição de Lázaro (Jo 11,41); sua paixão e morte (Jo 17,1-26). Jesus ora no Getsêmani, antes de sua morte (Mt 26,36-44; Mc 14,32-34; Lc 22,32.41.44); na transfiguração (Lc 9,28-29); na cruz, onde segue oferecendo o perdão e entrega sua vida (Mc 15,34; Mt 27,46; Lc 23,34.46).

Sua oração estava vinculada à sua vida, nunca é alienação ou fuga. Oração e vida se fecundam mutuamente, a oração está relacionada à missão, e esta com a oração. Jesus passou por momentos de alegria e dificuldade, ânimo e crise, êxito e fracasso, aclamação e perseguição até a morte. Em todos esses momentos está presente a oração, sempre como um diálogo, como relação pessoal com Deus *ágape*, gratuito e próximo (GARCIA RUBIO, 2010).

A oração que melhor traduz a relação de Jesus com o Pai é o Pai-Nosso (Mt 6,9-12; Lc 11,1-3). Ela é também o modelo de nossa oração. Nela, Jesus ensina a chamar a Deus de *abbá*, que poderia ser traduzido como *paizinho*. Ela revela a relação de Jesus com seu Pai. Os discípulos se lembram de ver Jesus se dirigindo a Deus com essa palavra familiar, e de que ele os ensinava a fazer o mesmo. Era, certamente, uma palavra pouco convencional, e, por isso, foi conservada no Novo Testamento no original aramaico, mesmo no contexto grego: “*Abba-Pai*” (Mc 14,36; Gl 4,6; Rm 8,15).

Abbá exprime intimidade. Revela um pai amoroso que abraça, acolhe e protege o seu filho ou filha. É amor incondicional, nele é possível confiar sem reservas. A parábola do filho pródigo (Lc 15) é a descrição mais reveladora do

significado de *abbá*, cujo perdão é incondicional. A teologia feminista, criticando o contexto patriarcal de Jesus, observa como essa imagem se associa melhor a uma mãe carinhosa, especialmente nos contextos marcados pelo patriarcalismo opressor. O perdão, compaixão e amor de Jesus aos inimigos e perseguidores (Mt 5,44-45) são expressões dessa experiência do *abbá*. Ela é a fonte da sabedoria, discernimento, confiança e liberdade de Jesus, sem a qual não é possível compreender o seu amor para com todos, inclusive aos inimigos, e o por quê de suas ações.

O centro da oração do Pai-Nosso é o *Reino de Deus*, que pedimos e com o qual nos comprometemos com o perdão e a partilha do pão. Mas Jesus faz sérias críticas a formas de oração que não levam ao Reino. A oração sem coerência de vida (Mt 6,5); mecânica, sem compromisso, que multiplica palavras (Mt 6,7); separada do acolhimento concreto da vontade de Deus (Mt 7,21-23: “não basta dizer Senhor, Senhor...”); e a oração arrogante e cheia de autocontemplação (Lc 18,11-12) não estabelecem um diálogo de abertura ao dom de Deus, ao contrário, reforçam o fechamento do ser humano em si mesmo. Levam ao narcisismo e ao autoengano.

Hoje, é possível ver orações que buscam unilateralmente a autossatisfação, o conforto interior, o bem-estar. Mas sem articulação com o amor-serviço, centro da existência de Jesus de Nazaré. E, ainda, técnicas de meditação utilizadas com o fim único de reduzir o estresse e aumentar a produtividade no trabalho.

Seriam essas orações “do Reino”?

Na vida de Jesus, oração-mística e missão-profecia se unem de uma forma extraordinariamente simples. Um todo inseparável. Por isso, denominar a tradição espiritual cristã como tradição místico-profética é uma forma de ultrapassar os antagonismos do passado e de hoje.

2 A difícil, porém necessária, relação entre oração e ação na espiritualidade, hoje

Para os nossos contemporâneos, a relação entre oração e missão, mística e profecia não é nada óbvia (MOLTMANN, 2012). Nossa sociedade é marcada pela eficiência, pelo resultado e pelo êxito. Tudo isso impele unilateralmente à atividade, que corre o risco de transformar-se em ativismo. A oração, por mais que seja elogiada, continua sendo inútil e supérflua.

Certas espiritualidades têm feito uso “útil” da meditação, como exercício capaz de devolver o equilíbrio a ativistas nervosos ou executivos extenuados. Técnicas de ioga são utilizadas para aumentar o rendimento. Não podemos negar que há um aumento da sensibilidade para a interiorização, mas uma utilização mercadológica e pragmática da meditação deve ser devidamente criticada. A meditação, nascida nas grandes tradições religiosas, tem como foco fundamental o encontro, simultaneamente, com o melhor de si mesmo e com a realidade que tudo transcende e possibilita, Deus.

Embora a pessoa possa ter certas percepções na oração, nem sempre ela se envolve com o que percebe nem lhe dá especial importância. É possível perceber a beleza de uma paineira florida, por exemplo, mas, em seguida, passa-se por ela a muitos quilômetros por hora e com o pensamento em mil coisas. Dimensões mais profundas em nós mesmos são intuídas, mas saímos correndo para o trabalho, totalmente esquecidos disso. Não há tempo para interiorizar as percepções, a começar da interiorização de nossas autodescobertas.

Preferimos o conhecimento objetivo, controlado, que nos leva a dominar o objeto. Mas, na oração sincera, acontece o contrário – eis o desafio. Nela, somos nós que passamos a participar do que contemplamos. Trata-se de um conhecimento diferente, em que não dominamos o que é contemplado, nem o modificamos. Ao contrário, somos nós os modificados. Um conhecimento que modifica quem conhece; este passa a participar da beleza da paineira, do pôr do sol, da experiência de outra pessoa, de Deus.

Mulheres e homens de hoje precisam de um equilíbrio na relação entre oração e ação. A maneira utilitarista e dominadora de conhecimento possui nítidos limites. O convívio com os demais, com a natureza e consigo mesmo impõe limites a partir dos quais se inicia a destruição da vida, das relações humanas e, especialmente, da relação com a própria interioridade. Não faltam orações que desejam dominar o próprio Deus⁴.

Algumas palavras sobre a relação consigo próprio. O conhecimento orante de si mesmo leva a uma nova autocompreensão. Nela se unem realismo, aumento da liberdade interior, sensibilização para a capacidade de amar e acolher o amor. É terreno de descobertas de limites e fraquezas, aceitação, conflitos. A oração sincera fortalece a consistência humana.

A atual fuga unilateral para as atividades, sejam elas produtivas ou lúdicas, para a prática social ou mesmo política, para as relações, mesmo que sejam “líquidas”⁵, indicam um grau de conflito das pessoas consigo mesmas. O problema está quando a pessoa não suporta ficar sozinha. O silêncio é insuportável e o isolamento é visto como rechaço social. Que poderá a pessoa, fraca em consistência interior, dar aos demais? Como poderá preencher seu vazio interior atuando em favor dos outros? O que fará diante da decepção e do fracasso?

Os Evangelhos nos convidam, antes de tudo, a uma nova maneira de ser, não a um agir mecânico, dominador ou legalista. Jesus sabe bem que atuamos no mundo menos pelo que falamos e agimos do que pelo nosso existir e por nossa maneira de ser. Em outro caso, imaginando prestar ajuda aos outros, só poderemos transmitir-lhes a virulência do nosso egoísmo, a agressividade das nossas angústias e os preconceitos de nossas ideologias (MOLTMANN, 2012). Mas, para valorizar essa entrada nos abismos do nosso mundo interior, é preciso resgatar o sentido

⁴ Em alguns discursos pentecostais e neopentecostais evidencia-se o desejo de “dominar” a ação divina, “controlar” e “determinar” a graça.

⁵ Referência à conhecida nomenclatura de Z. Bauman (2004), especialmente o capítulo 3: “Sobre a dificuldade de amar o próximo”.

positivo da solidão, do silêncio, do vazio interior, da pobreza e da humildade. E isso os místicos, como Santa Teresa, fizeram.

Eis a dimensão paradoxal da relação oração e ação: apenas a humildade diante de si, do mundo e de Deus proporcionará profetismo, audácia e eficácia na missão.

3 Oração teresiana: trato de amizade que transforma os amigos

Por força da sua experiência, Teresa de Jesus adquire consciência da necessária oração para uma vida consistente e cheia de sentido, fundamentada na “verdade” relacional humana. De tal forma que, para ela, “andar em verdade” é a “humildade”, pois estamos sempre em relação (TERESA, 1995d, Morada 6, cap. 10, § 7). Teresa se dedicará, em suas obras, a testemunhar a importância dessa relação consciente com Deus, na oração.

Assim, fará uma contribuição original ao magistério sobre a vida cristã, com a afirmação da oração como *amizade*, como *relação* de amor em resposta Àquele que nos amou primeiro. Deus é fundamentalmente amigo. Como bem sabido, o texto do *Livro da Vida* condensa essa noção de oração: “[...] é tratar de amizade – estando muitas vezes tratando a sós – com quem sabemos que nos ama” (TERESA, 1995c, p. 63).

A oração-amizade não é uma técnica, mas uma forma de vida em humilde e permanente *relação* com Deus, fonte de vida e amor.

A pedagogia teresiana da oração é fundamentalmente um desenvolvimento da relação com Cristo, “sagrada Humanidade”. Há uma coerência entre o que Teresa ensina e o seu caminho pessoal, Teresa fala por experiência. Nessa pedagogia, o “amar muito” tem prioridade sobre o “pensar muito” (TERESA, 1995d, p. 473).

Nesse amar, acontece um movimento em que Teresa é atraída para dentro da história e da pessoa de Cristo. Olhar para Jesus, enamorar-se dele, considerá-lo em sua humanidade, contemplar Jesus nos evangelhos, interiorizar a oração que ele ensinou, não se separar do Mestre... esses são alguns dos inumeráveis conselhos presentes em suas obras.

Teresa se reencontra consigo mesma na história de Cristo. Aprende a exprimir os próprios desejos e necessidades, a confrontar a vida cotidiana com a vida de Cristo. Acontece uma transformação em Teresa, que a liberta, em um processo, para o amor concreto proposto por Jesus, o *Reino de Deus*. A amizade com Cristo é profundamente purificadora, reconciliadora e amorosa. Provoca transformação e potencialização das capacidades de amar e receber amor. E amor mais que determinação e obras mais que emoções e palavras.

A pedagogia da oração-amizade implicará também outros elementos, como a prática do *recolhimento* – é necessário entrar no próprio “castelo interior”⁶. Trata-se de uma interiorização que potencializa a capacidade de a pessoa se colocar conscientemente diante de Deus. Há uma educação progressiva do olhar, do escutar e do falar interiormente com Cristo. Na prática do recolhimento, expande-se a capacidade de empatia com os sentimentos de Cristo e, simultaneamente, a capacidade de autoexpressão. Ao mesmo tempo, há a necessidade de cultivo de algumas atitudes, de maneira especialíssima a *humildade*, o *desapego* e o *amor*. Elas são a base desse caminho da oração e, sem elas, a oração não encontra terreno sólido (TERESA, 1995b, cap. 4-10, 26-29).

Essa prática oracional, inseparável, repetimos, de nova atitude de vida, *dispõe* a pessoa a orações mais profundas, em que Deus faz sentir sua presença. Teresa chega a afirmar que quem vai pelo caminho do recolhimento “vai por excelente caminho e chegará a beber a água da fonte” (TERESA, 1995b, p. 382).

⁶ Sua obra de maturidade, *Castelo interior ou moradas* (TERESA, 1995d), consiste na aventura da entrada em si, “castelo”, símbolo de uma nova maneira de estar diante de si, de Deus e do mundo.

Ao narrar sua experiência dos mistérios de Deus-Trindade-Amor atuando nela, Teresa é também *mistagoga*. Assim, Santa Teresa é pedagoga e mistagoga. No primeiro caso, ensina a orar; no segundo, introduz o leitor nos *mistérios* de sua própria experiência, e ele participa de alguma forma da experiência da autora.

Com tudo isso, Teresa não deixa margem à dúvida: mais importante que a experiência de oração é a experiência de amor, “amor de Deus e do próximo” (TERESA, 1995d, p. 501), finalidade de toda oração. É o amor concreto, em última instância, a verdadeira união com Deus.

4 Relação entre oração e ação em Santa Teresa: tensão e processo de integração

Poderia parecer que oração e ação foram naturalmente harmoniosas na vida de Santa Teresa. Mas não foi exatamente assim. Ela experimentou a tensão entre ambas, mostrando como essa tensão é real e como a integração se faz em um processo. Em alguns momentos, gostaria de fugir das pessoas e unir-se aos que viveram nos desertos e, em outros momentos, gostaria de “introduzir-se no mundo”, algo que, lamentavelmente, não era permitido às mulheres (TERESA, 1995d, Morada 6, cap. 6, § 3). Essa tensão entre oração e ação, se não for trabalhada, pode levar à “fuga do mundo” ou ao ativismo extenuante e estéril.

A tensão, porém, é positiva. Trata-se da dinâmica que vai levar a pessoa a sintonizar, de maneira mais fina, com a vontade de Deus, em meio à vida com suas inúmeras possibilidades e riscos. Por outro lado, expande poderosamente a capacidade interior e exterior de serviço a Deus, derrubando medos e preconceitos.

A palavra final de Santa Teresa é de integração entre *ação* e *oração*. Para ela, as ações são critério de reconhecimento da legitimidade da oração, pois, como nos lembra a Santa, o amor a Deus pode ser ambíguo, mas o amor aos irmãos logo se conhece (TERESA, 1995d, Morada 5, cap. 3, § 8). Assim como há orações não verdadeiras porque não são acompanhadas por coerência de vida, igualmente há

obras que não procedem de Deus, embora sejam boas, pois a pessoa está interiormente afastada dele e de sua intencionalidade de amor (TERESA, 1995d, Morada 2, cap. 2, § 1).

De maneira especial, o livro *Moradas* revela que a vida espiritual não possui a finalidade em si mesma, ela é mediação de ações transformadoras. É nas sétimas moradas que encontramos o vigoroso conselho teresiano de que se tenha oração para poder servir com fortaleza e amor: “Dizei-me para que são aquelas inspirações”, pergunta ela; e continua: “Será para que vocês se deem a dormir?”; em seguida, responde com veemência: “Não, não, não!” (TERESA, 1995d, p. 584). A finalidade da oração está no amor-serviço – para que delas “nasçam sempre obras, sempre obras” (TERESA, 1995d, p. 583). A necessária relação entre oração e ação radicaliza-se na tipologia bíblica de Marta e Maria, como já dito acima. Elas têm que andar “sempre juntas, a fim de hospedar o Senhor” (TERESA, 1995d, p. 585).

Marta prepara o alimento. Isto é, mantém-se alerta e em disposição laboriosa, realiza o que está ao seu alcance, coisas possíveis – para Teresa, Deus entende que a pessoa faria muito mais se pudesse quando vê que ela faz o que lhe é possível realizar.

Maria está sempre aos pés de Jesus, isto é, contemplando-o. Na hermenêutica de Teresa de Ávila, errônea, como hoje sabemos, as figuras bíblicas de Maria, Maria Madalena e a mulher pecadora do Evangelho de Lucas são a mesma pessoa. Nesse cenário, Teresa nos explica como a contemplação, como “melhor parte”, não foi entregue a Maria a troco de nada. Ela passou por muitos trabalhos, servindo ao Senhor ao lavar-lhe os pés e enxugá-los com os cabelos, ao ir sozinha ruas afora e entrar na casa onde nunca havia pisado, sofrendo, ainda, as murmurações do fariseu e outros vexames. Mudou de vida, mudou de vestido e tudo o mais. Mas foi, ainda, desprezada e mal falada por sua vida passada. Ver seu Mestre odiado e morto foi para ela verdadeiro martírio, que se seguiu ao lembrar

do Senhor na sua ausência. Enfim, a contemplação, como a melhor “parte” de Maria, é parte de um processo de humanização realizado pela amizade com Jesus, que não se faz sem uma transformação interior e social, que inclui gozo e sofrimento.

A paz de Maria não é interrompida, mas alimentada pela atividade de Marta. Ação alimenta a contemplação. A contemplação alimenta a ação. E ambas andam juntas, a fim de “hospedar o Senhor”, formando a verdadeira espiritualidade cristã.

5 O livro *Fundações*: discernimento e audácia profética na missão

Constante *discernimento* acompanha a relação entre mística e profecia. Livro privilegiado para aprendermos sobre isso é *Fundações* (TERESA, 1995a). Sabemos, pelos escritos teresianos, que as fundações de novos conventos se dão a partir de uma profunda experiência cristológica e trinitária de Deus, que a envia de forma inexorável, a modo dos grandes profetas bíblicos. Essa força de envio concede uma direção, mas não perfila, como sabemos, o caminho concreto. Este se faz no dia a dia.

Na primeira fundação, São José, Santa Teresa não tinha a menor noção do que ainda estava por vir. Cinco anos após essa primeira fundação, conta-nos ela ter recebido a visita de Frei Alonso Maldonado, franciscano, seguidor de Bartolomeu de Las Casas, defensor inflamado da causa dos índios em Madri e em Roma (TERESA, 1995a, cap. 1, § 7). Teresa se refere a ele como “servo de Deus, movido pelos mesmos desejos” que ela. Através dele, teve conhecimento da violência da conquista da América (“Índias”). Tristeza, dor e oração intensas resultaram em um fortíssimo desejo missionário e martirial. Pouco depois dessa experiência intensa, começaram a se suceder as fundações seguintes à primeira, o convento de São José.

Vemos, nesse acontecimento, admirável integração da espiritualidade teresiana. Nela, a *atenção à realidade* (não alienação) se une a uma *atitude de indignação e crítica*, a uma *oração confiada* e a uma *iniciativa de ação*.

Tendo recebido as patentes para a fundação, ainda assim, os caminhos se fazem no próprio caminhar. É preciso decidir a começar. Não será muito transcrever, aqui, suas palavras, para tocarmos, ao menos um pouco, no sentir de Santa Teresa. Observemos como, aqui, a oração transformadora está subjacente à missão audaz e profética:

E eis uma pobre monja descalça, sem ajuda de ninguém senão do Senhor, cheia de patentes e bons desejos, sem nenhuma possibilidade de os realizar. Não me faltavam o ânimo nem a esperança, porque, tendo dado uma coisa, o Senhor também daria a outra. Como tudo já me parecesse possível, comecei a agir. Oh, Grandeza de Deus! Como manifestais o Vosso poder dando ousadia a uma formiga! (TERESA, 1995a, p. 603).

A cada fundação, muitas decisões eram necessárias. Decisões que exigiam liberdade criativa e responsabilidade. O discernimento não se dá em relação a questões abstratas, mas ao mundo prosaico, que forma a infraestrutura que possibilita a vida. A começar pela busca das patentes, passando pela escolha das casas – negociação dos preços e a avaliação das condições mínimas de moradia, como a presença de água, feno para os colchões, umidade, luminosidade... – isso sem contar com a organização da comunidade e o acompanhamento das pessoas nelas envolvidas.

Teresa precisava estar atenta às oportunidades de fundação, que sempre envolviam algum discernimento. Onde fundar? Deveriam ser aceitos convites para uma fundação? As fundações nas cidades de Valladolid e Beas bem mostram esse discernimento (TERESA, 1995a, cap. 10, § 1; cap. 22, § 1). E não faltaram momentos em que uma decisão tomada precisou ser reavaliada e alterada. Admirável processo de discernimento encontramos na decisão de compra da casa de Palencia. Decidida por uma, Teresa teve na missa um “desassossego”, e “grande

preocupação” de se agia bem, e decidiu mudar sua decisão, o que lhe trouxe grande paz (TERESA, 1995a, cap. 29, § 18).

Tantos pensamentos povoavam sua mente, ora motivando-a, ora questionando suas atividades. Ela mesma demonstra sua preocupação de “começar bem”, para que o princípio não fosse um fracasso (TERESA, 1995a, cap. 3, § 11). Começar bem significava estabelecer bases de confiança mútua entre as irmãs, as múltiplas instâncias eclesásticas e a população civil. Além disso, há a saudável dúvida que faz com que Teresa se pergunte: e se ela estivesse enganada? (TERESA, 1995a, cap. 3, § 11).

Teresa é estrategista. Prioriza, dá passos. Ao contrário dos que querem tudo de uma vez e da maneira mais fácil; ou daqueles que se acomodam (a maioria, no entorno teresiano). Ficam sem nada, dando voltas, muitas vezes porque iniciam por algo demasiadamente grande ou difícil. A estes, Teresa afirma: “O demônio nos dá grandes desejos, para [...] nos contentar privilegiando aquelas que são impossíveis” (TERESA, 1995d, p. 586).

As fundações teresianas bem mostram como a organização interior, a paciência, a estratégia, o recuo, a redução das expectativas e, também, a coragem de avançar e aproveitar oportunidades são fundamentais para a ação. Cada passo traz consigo uma série de decisões, escolhas e consequências. Traz autoconhecimento, conhecimento do mundo e das pessoas em sua diversidade. Mas não é possível realizar e conhecer tudo ao mesmo tempo.

6 Para o discernimento da missão, hoje: algumas recomendações de *Fundações*

Não nos deteremos na caudalosa e diversificada doutrina presente no livro *Fundações*, nem nos “grandes padecimentos passados pelos caminhos” (TERESA, 1995a, p. 671). Oferecemos, aqui, apenas alguns elementos que, talvez, possam

contribuir para o discernimento da vida de Deus na vida de tantas pessoas, nas comunidades cristãs, chamadas a viver o Batismo.

A primeira coisa a destacar seria a sabedoria de descobrir que “mesmo na cozinha, entre as panelas, o Senhor vos está ajudando” (TERESA, 1995a, p. 615). Contexto: para dissipar o mal-estar de certas monjas obrigadas à vida ativa, Teresa não opta pela vida ativa ou contemplativa – a mediação entre elas será dada pela obediência.

Não seria essa uma grande sabedoria para todos os que necessitam atender-obedecer situações imprevisíveis no mundo familiar, laboral e político? Quantas vezes as necessidades da vida desorganizaram esquemas e horários de oração-meditação? E obrigam a necessárias atividades? Teresa ensina essa sabedoria: encontrar a Deus nas panelas, nos instrumentos de trabalho e de serviço na sociedade. No estetoscópio, nas repartições, nos projetos dos edifícios, nas salas de aula ou nos cuidados com as crianças está a misteriosa força do Espírito de Cristo, em irreprimível dinamismo de fazer-se “carne”.

Essas mediações podem ser – e são – as mediações do amor. Teresa nos lembra que empregar bem o tempo ajuda a acender o amor, mais que muitas horas de oração-meditação. Alerta para o sentido dos trabalhos cotidianos.

Um segundo elemento é que, no discernimento, Santa Teresa nos convida a ouvir o pensamento e o coração. Como ela.

Teresa precisou estar atenta aos seus pensamentos, ao ponto de necessitar também organizá-los, pois muitas vezes lhe vinham de forma avassaladora, junto a intuições ainda não concretizadas. Exemplo nítido disso é sua decisão de fundar, também, mosteiros masculinos: “Eu não parava de pensar nos mosteiros dos frades... Resolvi, então, tratar do caso sigilosamente com o prior de Medina...!” (TERESA, 1995a, p. 609).

Ao mesmo tempo, ela convida a ouvir o coração, pois por ele também fala o Senhor: “Sua majestade, quando quer que se faça alguma coisa, o põe em seu coração” (TERESA, 1995a, p. 664).

Poderíamos nos perguntar em que sentido as práticas sociais, educativas e pastorais levam a uma audácia no pensar e a uma escuta do coração. A confiar nos sentimentos. A tomar consciência do movimento dos sentimentos e das intuições como mediação das intuições de Deus no interior humano. Necessário faz-se “ler” a si mesmo, pois o Mestre nos habita.

O terceiro elemento é o de desfazer as armadilhas do medo. Se há algo que os Evangelhos atestam é o convite de Jesus a “não ter medo”. Cristianismo é convite à fortaleza e ao amor. Jesus nunca prometeu proteção! Ele promete sua presença e força para viver a vida em meio à bonança e às tempestades.

Vale a pena conferir como Santa Teresa reage às palavras de uma religiosa da mesma Ordem, na noite da fundação do convento em Salamanca. Sendo madrugada do Dia de Finados, a irmã pergunta a Teresa o que ela, Teresa, faria se ela morresse. Medos não faltaram, segundo o relato teresiano. Mas a resposta revela uma admirável administração do próprio medo: “Irmã, se isso acontecer, pensarei no que fazer; agora, deixe-me dormir” (TERESA, 1995a, p. 676). Teresa optou pela alegria e pela liberdade: “Vida é viver sem temer a morte nem os acontecimentos da existência, e ter esta alegria habitual que agora tendes todas vós, bem como esta prosperidade que não teme a pobreza, mas até a deseja” (TERESA, 1995a, p. 719).

As oposições à reforma teresiana não demoraram e foram quase proporcionais à grandeza de sua obra. Santa Teresa foi proibida de fundar e mesmo de sair do convento. Teve de permanecer em Toledo “a modo de cárcere” (TERESA, 1995a, cap. 27, § 19). O Núncio Felipe Segá não a ajudou; antes, perseguiu a ela e a seus colaboradores (TERESA, 1995a, cap. 28, § 3). Necessária se fez uma separação entre a Ordem dos Descalços e dos “Calçados”, no capítulo em Alcalá, um ano antes

da morte da Santa, em 1581 (TERESA, 1995a, cap. 29, § 30-31). Não foi o desfecho desejado, mas, sim, o desfecho possível. O divórcio tornou possível a continuidade da reforma, os brotos de vida nova encontraram paz para se desenvolver. Nesse contexto, um sopro de jovialidade faz a já debilitada Teresa afirmar e aconselhar: “Agora, começamos; procurai ir começando sempre de maneira cada vez melhor” (TERESA, 1995a, p. 747).

Admirável sabedoria: não dramatizar as crises, as mudanças e nem mesmo as rupturas. É importante apostar no futuro que Deus sempre abre, pois “mesmo de um sofrimento para outro, uma mudança é sempre um alívio” (TERESA, 1995a, p. 702), e o melhor é dizer, a cada momento: “Agora começamos”. Jovialidade e flexibilidade são sinais da gratuidade de Deus, “graça”.

Ainda no epílogo do livro *Fundações*, encontramos a narrativa de uma mudança substancial na jurisdição das freiras no convento de São José de Ávila, que passam do Ordinário à Ordem. O fato de algo parecer ser boa coisa em um momento, mas, em outro, ser necessária outra, “bem se vê ser verdade em muitíssimas coisas” (TERESA, 1995a, Epílogo, § 3).

No relato da última fundação teresiana, Burgos, em que já podem ser detectados os lapsos na memória de nossa autora e a debilidade na mão que segura a pluma, encontramos, no entanto, o mesmo diálogo interior fecundo, que possibilitou missão tão profética e audaz. Ecoa no interior de Teresa a voz fortalecedora do Amado, diante da oposição e exigências do Arcebispo: “Agora, Teresa, sê forte” (TERESA, 1995a, p. 762). E, na compra da casa, para Teresa muito cara, a mesma voz ilumina a direção da decisão: “*Em dinheiro te deténs?*” (TERESA, 1995a, p. 765). De fato, pelo mistério da Encarnação, que caracteriza o cristianismo, Deus se mete em cada coisa...

A modo de conclusão

Este pequeno percurso buscou clarificar um ponto fundamental para a espiritualidade cristã, de forma especial aquela vivida como leigos e leigas na sociedade: a relação intrínseca entre mística e profecia.

Podemos ressaltar algumas ideias-força do nosso itinerário, a modo de conclusão:

1. Na vida e doutrina de Santa Teresa, é impossível separar a Teresa contemplativa e mística da Teresa em missão. Oração e missão se exigem e se fecundam. E essa missão é ousada, audaz e profética.
2. A relação entre mística e profecia faz parte da própria espiritualidade de Jesus. Assim, a espiritualidade cristã exige essa relação, e ela é para TODOS. Fica o alerta dos próprios Evangelhos, o de que a oração pode ser vivida como fechamento narcisista e autoengano, busca unilateral de bem-estar e dominação do próprio Deus, afastando-se da vida e proposta de Jesus de Nazaré.
3. A inseparabilidade entre oração e ação é um desafio para o nosso tempo, marcado pela eficácia, pelo êxito e pelo individualismo. Na verdadeira oração, a tendência dominadora (dominar o objeto) é substituída pelo conhecimento que transforma o próprio sujeito orante. É necessária a humildade diante do mundo, das outras pessoas, dos próprios limites e da alteridade de Deus. Torna-se necessário valorizar e redescobrir as atitudes místicas do silêncio, da solidão, da pobreza, do esvaziamento.
4. A oração teresiana é transformadora porque estabelece uma amizade gratuita com Jesus. Há uma entrada na história de Cristo, entrada motivada pelo “amar muito” mais do que pelo “pensar muito”. Teresa participa dessa história, e, assim, sai transformada. Sua pedagogia,

simples e harmoniosa, oferece-nos uma sábia forma de oração – o recolhimento – em que se aprende a entrar no sentimento de Cristo e a deixar-se por ele transformar.

5. Na experiência teresiana, oração e missão vão se harmonizando em um processo. Isso pode iluminar o caminho religioso de integração, que se faz na tensão de ambos os polos. Não cabe, aqui, a idealização da experiência oracional, mas, sim, uma maturidade que assume conflitos e processos de integração.
6. Na relação entre oração e missão, o discernimento é fundamental. O discernimento da missão é alimentado pela observação da vida, pela escuta das situações, pelo conhecimento assumido dos limites pessoais, pela valorização dos próprios pensamentos, preocupações e sentimentos. Não é possível separar as circunstâncias da vida concreta da relação entre oração e missão. O livro *Fundações* mostra claramente como oração, missão e discernimento diante das situações concretas são inseparáveis, e isso é paradigmático para a maturidade da espiritualidade de todos os cristãos.

Que a espiritualidade cristã possa atentar para o fato de que mística e profecia não se dissociam, em fidelidade à vida de Jesus. Em resposta a espiritualidades desintegradoras e até destrutivas do humano, possa o testemunho relacional dos místicos e das místicas, como Santa Teresa, iluminar esse processo de amadurecimento. Oração e missão audaz se inter-relacionem dialeticamente, mediadas por rico discernimento. A isso nos impulsiona a graça libertadora de Cristo, que deseja envolver-se nesse processo integrador.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, M. **A oração na vida: desafio e dom.** São Paulo: Loyola, 1988.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BÍBLIA. Tradução Ecumênica da Bíblia. (TEB). São Paulo: Paulinas/Loyola, 1995.
- ESPEJA, J. **Espiritualidade cristã.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- GARCIA RUBIO, A. **O encontro com Jesus Cristo vivo: um ensaio de cristologia para aos nossos dias.** 14. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.
- MOLTMANN, J. **O espírito da vida: uma pneumatologia integral.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- NOLAN, A. **Jesus hoje: uma espiritualidade de liberdade radical.** 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- PADUA, Lúcia Pedrosa de. Espiritualidade integradora: o testemunho privilegiado de Santa Teresa de Ávila. In: GARCIA RUBIO. **O humano integrado: abordagens de antropologia teológica.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 181-207.
- PAGOLA, J.A. **Jesus: Aproximação histórica.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- PEDROSA-PADUA, Lúcia; CAMPOS, Mônica B. **Santa Teresa: mística para o nosso tempo.** São Paulo: Reflexão, 2011.
- PIÑERO VALVERDE, Maria de la Concepción. Entre as Índias e Castela: notícias e repercussões da conquista na obra de uma escritora espanhola. In: PIÑERO VALVERDE, Maria de la Concepción. **América: ficção e utopia.** Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1994. p. 201-211.
- TERESA, de Ávila, Santa. Fundações. In: TERESA, de Ávila, Santa. **Obras completas.** Coord. Frei P. Sciadini; texto estabelecido por T. Álvarez. São Paulo: Loyola, 1995a. p. 589-772.
- TERESA, de Ávila, Santa. Caminho de perfeição. In: TERESA, de Ávila, Santa. **Obras completas.** Coord. Frei P. Sciadini; texto estabelecido por T. Álvarez. São Paulo: Loyola, 1995b. p. 293-429.
- TERESA, de Ávila, Santa. Livro da vida. In: TERESA, de Ávila, Santa. **Obras completas.** Coord. Frei P. Sciadini; texto estabelecido por T. Álvarez. São Paulo: Loyola, 1995c. p. 19-291.

TERESA, de Ávila, Santa. Castelo interior ou moradas. In: TERESA, de Ávila, Santa. **Obras completas**. Coord. Frei P. Sciadini; texto estabelecido por T. Álvarez. São Paulo: Loyola, 1995d. p. 431-588.

TERESA, de Ávila, Santa. Camino de perfección: autógrafo de El Escorial. In: TERESA, de Ávila, Santa. **Obras completas**. Dir. Alberto Barrientos. 4. ed. Madrid: EDE, 1994. p. 521-655.